

# Puraukeçaua Maranguaua Opanaíma Tenhên

ARARY SOUTO

De fato, "o trabalho é uma luta sem fim". Vencem-no os fortes, aqueles que desprezam o lado material das coisas e se entregam, espiritualmente, ao afã de incentivar a cultura, espalhando-a pelo universo em proveito da humanidade. Dentre ela destaca-se a do índio, o legítimo dono da raça, o propulsor das maiores mentalidades que o Brasil possuiu e ainda possui.

O criador do nosso caboclo é olhado, hoje, com o carinho e o respeito de que se fez merecedor e para ele os homens cultos voltaram a sua atenção, amparando-o e difundindo o seu idioma e os seus costumes. Foi criado, em Mato Grosso, um vastíssimo Parque Indígena, propriedade indissolúvel do índio brasileiro, iniciativa essa de ilustres patricios da terra dos "chavantes", "caiuás", "terenos", "guaranís", "carajás", "guai-curús" e outros. Sim, o matogrossense sempre dispensou carinho e amor ao índio. O General Cândido Mariano Rondon, para nós, que vimos de perto a sua obra em benefício dos seus antepassados, os índios, é a arceira que o tempo não corroerá porque já a tornou cerne. É o caboclo impoluto que sacrifica a sua existência em holocausto ao seu irmão índio. E como ele, outros surgiram e se entregaram de corpo e alma em favor da sublime causa do índio. Faris Antonio S. Michael, nome sobejamente conhecido pela sua probidade, pela sua cultura e pelo seu amor aos assuntos indianistas, tornou-se o difusor e o incentivador dos mesmos, traduzindo-os em letras pelos seus acurados conhecimentos do "nhêngatu", do legítimo idioma brasileiro que é o tupi-guaraní. A propósito e patenteando a extensão de mencionados conhecimentos, Faris A. S. Michael recebeu, recentemente, a carta que abaixo transcrevemos, sendo seu autor o ilustre matogrossense e escritor de renome, Hélio Serejo, outro indianista que surgiu, arregimentando-se aos outros com a finalidade altruística de preservar, infinitamente, o tradicional direito dos verdadeiros donos do imenso solo pátrio, os índios brasileiros.

São Paulo, 11 de Junho de 1952.

Meu distinto patricio Prof. Faris Antonio S. Michael.

Acabo de ler o seu precioso livro "Manual de Conversação da Língua Tupi", vindo à luz em tão boa hora, pois é sabido por todos que muitas nações, nestes dias tormentosos, estão se interessando, vivamente, pelo ensino do idioma cativante dos nossos maiores.

Conhecendo, superficialmente, a língua Guarani, uma vez que nasci e me criei na fronteira, pude sabo-

rear, em parte, a sua magnífica obra que possui, é de justiça que se diga, o sabor agradável da pitanga brava amadurecida com as primeiras chuvas de setembro. Foi para mim prazer intraduzível receber esse livrinho precioso, em cujas páginas, logo à primeira vista, ressaltam os vastos conhecimentos linguísticos do autor.

O seu livro, meu caríssimo Prof. Michael, pela beleza da forma e pelo sentido humano das argumentações, é uma autêntica jóia. Jóia magnífica, de fulguran-

(Conclui na pág. 18)